

Entre signos e silêncios: juventude, sofrimento psíquico e a série adolescência

Between signs and silences: youth, psychological suffering, and the series adolescence

Entre signos y silencios: juventud, sufrimiento psíquico y la serie adolescencia

Isaías dos Santos Ildebrand¹, Fabiana Niedermeier², José Luiz Domingues Gularde³

RESUMO

Objetivo: Este artigo analisa discursivamente a minissérie "Adolescência", buscando identificar como ela constrói sentidos de sofrimento psíquico juvenil e tensiona a figura do "jovem perigoso" através de signos visuais e narrativos. **Método:** Adotou-se uma abordagem qualitativa e interpretativa, centrada na análise semiótica de trechos da obra, especificamente os episódios 1 e 3. A análise foi fundamentada na semiologia de Roland Barthes (denotação, conotação, mito e punctum), complementada por estudos culturais sobre juventude e saúde mental. As cenas foram descritas sem reprodução de imagens, em respeito aos direitos autorais. **Resultados:** A série desestabiliza estereótipos ao usar planos-sequência contínuos, ausência de trilha sonora e mise-en-scène para explorar a vulnerabilidade e ambiguidade do protagonista. Revela como os espaços de controle, os silêncios e a corporalidade de Jamie operam como signos que desafiam olhares moralizantes e naturalizações sobre a juventude. **Considerações Finais:** Adolescência fomenta reflexões críticas sobre as pressões enfrentadas por adolescentes, desnaturalizando associações entre juventude e violência. A obra pode servir como ferramenta pedagógica para debater saúde mental e promover uma cultura de cuidado e escuta sensível.

Palavras-chave: Mídia, Juventude, Semiótica, Saúde Mental, Narrativa.

ABSTRACT

Objective: This article discursively analyzes the miniseries Adolescence, aiming to identify how it constructs meanings of youth mental suffering and challenges the "dangerous youth" stereotype through visual and narrative signs. **Method:** A qualitative and interpretive approach was adopted, focused on the semiotic analysis of excerpts from the work, specifically episodes 1 and 3. The analysis was based on Roland Barthes' semiology (denotation, connotation, myth, and punctum), complemented by cultural studies on youth and mental health. Scenes were described without image reproduction, respecting copyright. **Results:** The series destabilizes stereotypes by using continuous long takes, absence of a soundtrack, and mise-en-scène to explore the protagonist's vulnerability and ambiguity. It reveals how control spaces, silences, and Jamie's physicality operate as signs that challenge moralizing views and naturalizations about youth. **Final Considerations:** Adolescence fosters critical reflections on the pressures faced by adolescents, denaturalizing associations between youth and violence. The work can serve as a pedagogical tool to discuss mental health and promote a culture of care and sensitive listening.

Keywords: Media, Youth, Semiotics, Mental Health, Narrative.

¹ Doutor em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Rio Grande do Sul. E-mail: isaias.brand@gmail.com.

² Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Universidade Feevale - FEEVALE, Rio Grande do Sul. E-mail: fabiana@feevale.br.

³ Doutorando em Teologia. Faculdade EST - EST, Rio Grande do Sul. E-mail: josegularde@feevale.br.

RESUMEN

Objetivo: Este artículo analiza discursivamente la miniserie Adolescencia, buscando identificar cómo construye sentidos de sufrimiento psíquico juvenil y desafía la figura del "joven peligroso" a través de signos visuales y narrativos. **Método:** Se adoptó un enfoque cualitativo e interpretativo, centrado en el análisis semiótico de fragmentos de la obra, específicamente los episodios 1 y 3. El análisis se fundamentó en la semiología de Roland Barthes (denotación, connotación, mito y punctum), complementada por estudios culturales sobre juventud y salud mental. Las escenas fueron descritas sin reproducción de imágenes, respetando los derechos de autor. **Resultados:** La serie desestabiliza estereotipos al utilizar planos-secuencia continuos, ausencia de banda sonora y puesta en escena para explorar la vulnerabilidad y ambigüedad del protagonista. Revela cómo los espacios de control, los silencios y la corporalidad de Jamie operan como signos que desafían las miradas moralizantes y las naturalizaciones sobre la juventud. **Consideraciones Finales:** Adolescencia fomenta reflexiones críticas sobre las presiones que enfrentan los adolescentes, desnaturalizando asociaciones entre juventud y violencia. La obra puede servir como herramienta pedagógica para debatir la salud mental y promover una cultura de cuidado y escucha sensible.

Palabras clave: Medios, Juventud, Semiótica, Salud Mental, Narrativa.

INTRODUÇÃO

À medida que narrativas audiovisuais conquistam espaço como dispositivos interpretativos da realidade social, séries dramáticas como *Adolescência* (Netflix, 2025) tornam-se catalisadoras de debates públicos sobre juventude, violência e sofrimento psíquico. Embora seja uma obra ficcional, a série produz sentidos que reverberam em contextos escolares, familiares e institucionais, expondo contradições sociais e afetivas que atravessam a adolescência. Tendo sido lançada em um momento de intensificação das discussões sobre saúde mental, especialmente no pós-pandemia, a obra incorpora elementos que ultrapassam o entretenimento. Quando o discurso narrativo se organiza em torno do crime, do silêncio e da vulnerabilidade juvenil, a série desloca olhares moralizantes e tensiona representações midiáticas tradicionais da juventude.

Sempre que representações culturais abordam a juventude, especialmente em contextos de crise, é possível observar a emergência de discursos que ora vitimizam, ora criminalizam os sujeitos adolescentes. A série *Adolescência*, ao construir a trajetória de Jamie Miller, jovem acusado de homicídio, revela não apenas um enredo dramático, mas um campo semiótico repleto de signos afetivos, ideológicos e culturais. Considerando que a saúde mental se constitui também nos modos de narrar e compreender o sofrimento, este artigo propõe uma leitura discursiva da série. Com base nas contribuições de Barthes (1990, 2004, 2009), Hall (2003) e Borba et al. (2022), analisa-se como sentidos de fragilidade, repressão emocional e vigilância simbólica são performados ao longo da obra.

Ainda que o tema da saúde mental venha ganhando centralidade nas políticas públicas, muitas abordagens seguem descoladas das práticas culturais e midiáticas que afetam a subjetividade juvenil. Por essa razão, compreender como séries como *Adolescência* constroem sentidos sobre sofrimento psíquico contribui não só para os estudos em comunicação e cultura, mas também para práticas pedagógicas e clínicas mais sensíveis às juventudes. À luz da semiologia barthesiana e das teorias críticas sobre mídia e subjetividade, propõe-se uma análise que tensiona os discursos que naturalizam comportamentos, silenciam afetos ou espetacularizam a dor. Tal leitura, portanto, não visa interpretar personagens isoladamente, mas compreender

os sistemas de sentido que os sustentam.

O objetivo deste artigo é analisar discursivamente a série Adolescência, identificando de que forma ela constrói sentidos de sofrimento psíquico juvenil, com base em signos visuais e narrativos que tensionam a figura do “jovem perigoso”. Interessa compreender como os discursos de autoridade, os afetos interditados e os espaços de controle operam no enredo, problematizando mitos sociais e abrindo margem para leituras críticas. A análise será fundamentada nas contribuições teóricas mencionadas, sem remeter diretamente a imagens da obra, mas considerando suas estruturas narrativas e simbólicas. As próximas seções detalharão os procedimentos adotados e os resultados interpretativos alcançados.

MÉTODOS

Como este estudo se inscreve no campo das análises discursivas e culturais, optou-se por uma abordagem qualitativa, de caráter interpretativo, centrada na análise semiótica de uma obra audiovisual de ficção. Ainda que não envolva sujeitos humanos, o trabalho segue os princípios éticos estabelecidos pela Association of Internet Researchers (AOIR, 2023), respeitando os direitos autorais e evitando qualquer uso indevido de imagens. Ao considerar a série Adolescência como objeto simbólico, entende-se que seus elementos visuais, narrativos e sonoros atuam como signos a serem interpretados à luz da teoria semiótica de Barthes(1990, 2004, 2009), complementada por estudos culturais e críticos sobre juventude e saúde mental.

Por se tratar de uma obra ficcional com múltiplas camadas de significação, a série Adolescência foi analisada com base em trechos que articulam discursos sobre juventude, sofrimento e responsabilização. Para assegurar a consistência da análise, delimitaram-se os episódios 1 e 3 como corpus principal, considerando que neles se intensificam os discursos institucionais e as ambiguidades afetivas em torno do protagonista. A escolha desses episódios também se justifica pela concentração de cenas que mobilizam elementos simbólicos estruturantes do enredo. Ainda que outros trechos sejam referenciados pontualmente, a análise detém-se nos signos mais expressivos da narrativa audiovisual.

As categorias analíticas foram construídas com base na teoria de Barthes (1990, 2004, 2009), especialmente os conceitos de denotação, conotação, mito e punctum, articulados às contribuições de autores como Borba et al. (2022), Sibilia (2008), Buckingham e (2007) Hall (2003). Essas categorias permitiram identificar como os signos visuais da série produzem sentidos socialmente compartilhados e, ao mesmo tempo, tensionam as representações naturalizadas da juventude. Embora o foco da análise seja discursivo e simbólico, reconhece-se que a experiência estética e afetiva também mobiliza significados que ultrapassam a lógica racional, exigindo atenção às camadas sensíveis da narrativa.

Todas as cenas analisadas foram transcritas em forma descritiva, sem reprodução direta de imagens, seguindo critérios de responsabilidade ética e direitos autorais estipulados pela AOIR (2023). Ao invés de capturas visuais, optou-se por descrição e leitura crítica das sequências narrativas e pela interpretação dos signos presentes nas ações, diálogos e escolhas de direção. Essa estratégia metodológica não apenas assegura o respeito à integridade da obra e seus produtores, como também reforça o compromisso com uma

análise crítica, que considera o audiovisual como um campo de disputa simbólica. O foco, portanto, recai sobre os sentidos construídos e não sobre os recursos técnicos isoladamente.

RESULTADOS

A série Adolescência em foco – uma perspectiva semiótica

Lançada pela Netflix em março de 2025, a minissérie Adolescência apresenta uma estrutura narrativa inovadora ao desenvolver seus quatro episódios por meio de planos-sequência contínuos. Acompanhando a trajetória de Jamie Miller, um adolescente de treze anos acusado do assassinato de uma colega, a obra tensiona os limites entre realidade e ficção, oferecendo ao espectador uma experiência imersiva. Desde sua estreia, a série recebeu atenção da crítica especializada por sua abordagem estética e por evocar reflexões sobre juventude, autoridade e violência. Com direção de Benjamin Caron e atuação de destaque de Billy Barratt no papel principal, Adolescência combina drama psicológico e crítica social.

Ao adotar o formato de plano-sequência e evitar trilhas sonoras explicativas, Adolescência insere-se em um conjunto de produções contemporâneas que problematizam os discursos sobre juventude, criminalidade e sofrimento psíquico. O enredo remete a obras como *We Need to Talk About Kevin* e *The Class*, que também abordam a figura do jovem acusado de violência em contextos escolares. Entretanto, ao centrar-se na perspectiva do próprio adolescente e recorrer a elementos de ambiguidade visual e narrativa, a série britânica se diferencia por oferecer múltiplas camadas de interpretação. Essa proposta estética e discursiva faz da obra um objeto relevante para análise semiológica.

Assim sendo, a escolha da série como objeto de estudo justifica-se, portanto, pela potência de sua linguagem audiovisual em articular signos visuais, afetivos e ideológicos. Com base na recepção crítica e no debate público que gerou — especialmente em veículos como *The Guardian* e *VERIFACT* —, observa-se que *Adolescência* não apenas retrata estereótipos associados à juventude, mas também convida à problematização dessas representações. Ao privilegiar o olhar do protagonista e dilatar o tempo narrativo por meio de longos planos, a obra cria uma experiência sensível que complexifica as imagens sociais sobre adolescentes, tornando-se material fecundo para investigações interdisciplinares.

Se tratando de enredo, personagens e escolhas estéticas, vale denotar que a minissérie *Adolescência* gira em torno de Jamie Miller, um adolescente britânico de treze anos acusado do assassinato de sua colega de turma, Leila. A narrativa é desenvolvida em quatro episódios, cada um focado na perspectiva de um personagem diferente envolvido no caso: o próprio Jamie, sua mãe, o advogado de defesa e a investigadora responsável. À medida que a trama avança, revelam-se camadas de tensões familiares, fragilidades institucionais e discursos públicos sobre culpa. Com esse recurso de múltiplos pontos de vista, a obra evita uma leitura linear e conduz o espectador à constante reavaliação dos fatos e das emoções envolvidos (Netflix, 2025).

As personagens principais de *Adolescência* são construídas a partir de complexas ambivalências morais e emocionais. Jamie não é apresentado como um vilão ou herói, mas como um sujeito atravessado por

silêncios, gestos contidos e olhares inquietos, o que confere à sua figura uma densidade interpretativa singular. A mãe, entre afeto e exaustão, expressa sentimentos contraditórios que refletem tanto o sofrimento parental quanto os limites da compreensão. Já a policial e o advogado incorporam tensões entre dever institucional e julgamento subjetivo. Essa rede de personagens representa, de forma simbólica, diferentes reações sociais diante da juventude e do crime.

Um dos aspectos mais distintivos da série reside no uso contínuo de planos-sequência, técnica que elimina cortes evidentes e simula uma passagem temporal ininterrupta. Essa escolha estética amplia a sensação de realismo e imersão, conduzindo o espectador a experimentar as cenas em tempo real e a compartilhar das hesitações dos personagens. A ausência de trilha sonora reforça o desconforto e os silêncios dramáticos, privilegiando sons ambientais, como passos, respiração e batimentos. Dessa forma, a mise-en-scène torna-se responsável não apenas pela ambientação, mas também por comunicar significados implícitos, tensões psicológicas e atmosferas simbólicas.

É importante olhar para os planos-sequências e a construção do tempo dramático delineados na série. Ao optar pela técnica do plano-sequência, a minissérie Adolescência estabelece uma temporalidade contínua que suprime cortes evidentes e aproxima o espectador da vivência dos personagens. Tal escolha formal, conforme Metz (1972), intensifica a identificação emocional, pois simula a continuidade do real no registro cinematográfico. Essa ausência de interrupções visuais acentua a tensão narrativa, especialmente em momentos de confronto e silêncio. Embora a fluidez do plano pareça natural, ela é resultado de um arranjo técnico rigoroso que reorganiza a percepção do tempo e do espaço. Nesse sentido, a encenação não apenas representa, mas também condiciona a recepção, conforme sugerido por Barthes (1990, 2004, 2009).

A mise-en-scène — compreendida como a disposição dos elementos no quadro, segundo Jullier e Marie (2002, 2009) — é explorada em Adolescência como forma de comunicar estados subjetivos e relações de poder. A organização do cenário escolar, os figurinos dos estudantes e a iluminação dos corredores evocam a frieza institucional e a vulnerabilidade juvenil. Em diversos momentos, o enquadramento do rosto de Jamie, ladeado por espaços vazios ou paredes opressoras, funciona como signo visual de isolamento. Barthes (1990, 2004, 2009), ao discutir a articulação entre significante e significado, oferece base para entender como essas escolhas estéticas reforçam sentidos ideológicos implícitos à narrativa.

O trabalho sonoro também contribui decisivamente para a construção do ambiente dramático. A ausência de trilha musical, aliada ao uso insistente de ruídos ambientais — passos, portas, murmúrios —, insere o espectador na cena de forma quase documental. Essa sonoridade crua, longe de ser neutra, atua como elemento semiótico que acentua a tensão emocional e o desconforto. Sibilia (2008), ao tratar da exposição da intimidade no espaço público, ajuda a compreender como essa opção técnica transforma a experiência de escuta em partilha de afeto e inquietação. Assim, o som não apenas ambienta, mas também afeta, conformando o punctum barthesiano.

Outro aspecto recorrente da estética da série é o uso de planos fechados nos momentos de maior fragilidade ou ambiguidade moral. Quando a câmera se aproxima do olhar de Jamie, ela rompe com a

neutralidade do registro, induzindo uma leitura conotativa marcada por empatia ou suspeita. Como observa Barthes (1990, 2004, 2009), o mito se forma ao naturalizar certas expressões, convertendo-as em evidência de verdade. Entretanto, ao tensionar constantemente essas leituras — alternando olhares cúmplices e julgadores —, a série propõe uma crítica aos dispositivos audiovisuais que moldam a opinião pública. Assim, a forma torna-se parte ativa do discurso.

À medida que os episódios se desenrolam sem cortes aparentes, a experiência da temporalidade contínua provoca uma imersão que dissolve fronteiras entre espectador e personagem. A câmera, ao seguir Jamie em tempo real, impõe um ritmo emocional que não oferece pausas nem distanciamentos críticos. Metz (1972) observa que esse tipo de construção imagética compromete o espectador em uma cadeia perceptiva e afetiva, o que favorece a suspensão do julgamento e a imersão empática. Tal construção está em consonância com o efeito de realismo, pois o tempo da narrativa mimetiza o tempo vivido — condição essencial para que os mitos barthesianos atuem de modo mais perceptível nessa narrativa.

Observando o espaço narrativo e a regulação simbólica, embora o espaço representado seja familiar (escola, delegacia, casa), sua organização visual e simbólica acentua uma lógica disciplinar e vigilante. Santaella (1995, 2002) destaca que o ambiente, enquanto sistema de signos, regula práticas e afetos. Na série, o corredor escolar estéril e a sala de interrogatório claustrofóbica compõem uma ambiência em que os corpos adolescentes são vigiados e avaliados. Essa regulação simbólica é reforçada pelos movimentos lentos de câmera e pela ausência de música, o que impede qualquer romantização da experiência juvenil. Em vez de apenas retratar, os espaços narrativos delimitam trajetórias possíveis, estabelecendo fronteiras entre inocência e culpa.

Também, o corpo adolescente como signo vulnerável merece atenção. O corpo de Jamie, frequentemente enquadrado em silêncio ou isolado do grupo, torna-se uma superfície semiótica sobre a qual recaem olhares normativos. A corporalidade do protagonista — os gestos contidos, o olhar evasivo, o andar curvado — denuncia uma vulnerabilidade que não é apenas física, mas simbólica. Barthes (1990, 2004, 2009) chama a atenção para o punctum como aquilo que escapa à organização racional da imagem, atingindo o observador de forma afetiva. Em Jamie, o punctum não é um único gesto, mas uma presença ambígua que tensiona o olhar social, ao mesmo tempo em que solicita cuidado e condenação.

Em última instância, a estética de Adolescência é atravessada por uma ética da ambiguidade. A série não oferece resoluções claras nem vilões definidos, preferindo manter o espectador em um estado de suspensão, o que dialoga com o que Hall (2003) chama de negociação identitária nos discursos culturais. Ao manipular a forma — sobretudo o plano-sequência, os silêncios e a ausência de trilha — a narrativa convida à dúvida e à reflexão. Essa ambiguidade, longe de ser um obstáculo, constitui o espaço ético e estético em que se torna possível desmontar mitos e repensar a juventude como sujeito de múltiplas interpretações.

Estabelecendo os signos som, silêncio e montagem emocional, destaca-se que o papel do silêncio se torna relevante. Enquanto a ausência de música pode ser vista, à primeira vista, como neutralidade sonora, em Adolescência, o silêncio cumpre uma função expressiva e dramatúrgica. Metz (1972) observa que a trilha

sonora ou sua omissão nunca são inocentes, pois constroem sentidos afetivos e cognitivos na recepção. O silêncio que recobre os deslocamentos de Jamie, por exemplo, não apenas acompanha seu estado emocional, mas intensifica o desconforto do espectador diante do vazio comunicacional. Assim, o não dito passa a carregar significados de angústia, repressão e isolamento, promovendo uma escuta sensível do que não se escuta, mas se sente.

Além do silêncio, os ruídos e as vozes desempenham papel estruturante na narrativa. Os passos no corredor, o arrastar das cadeiras ou o ranger das portas reforçam a atmosfera de tensão e controle. Segundo Jullier e Marie (2002, 2009), o som ambiente pode ser mobilizado como extensão da mise-en-scène, operando como “assinatura acústica” do espaço. Em Adolescência, essa dimensão sonora reforça a rigidez institucional que permeia a escola e a delegacia. As vozes dos adultos, muitas vezes sobrepostas às falas de Jamie, constroem uma hierarquia auditiva que também se reflete visualmente: quem fala mais, controla mais.

Apesar da ausência de música diegética ou trilha incidental, a série compõe uma trilha emocional implícita, construída pela justaposição entre sons, imagem e tempo. O ritmo da montagem interna — pausas, respirações, hesitações — atua como condução afetiva para o espectador. Hall (2003), ao discutir os regimes de representação, aponta como os sentidos são orientados não apenas por discursos visíveis, mas por ritmos e temporalidades sociais. Ao evitar soluções fáceis ou música que “dite” o tom da cena, Adolescência preserva a ambiguidade de sentidos, estimulando o espectador a construir interpretações próprias diante de uma narrativa suspensa e util.

Em síntese, o som — ou sua ausência — não serve apenas como suporte técnico, mas como operador semiótico que tensiona a narrativa e o olhar do espectador. A escuta, nesse contexto, é convocada como forma de interpretação. Santaella (1995, 2002) propõe que o signo não se esgota na visão, mas demanda multissensorialidade e abertura à polissemia. Quando a série nega a trilha convencional e se ancora em sons cotidianos e silêncios prolongados, ela propõe outra estética e outra ética: a de escutar o não dito, de sentir o desconforto da ambiguidade e de reconfigurar as formas de representar a adolescência em crise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, investigou-se a série Adolescência a partir de uma abordagem que integra contribuições da saúde mental, da semiótica e dos estudos culturais. Por meio da análise de trechos da obra, buscou-se compreender como elementos estéticos e narrativos colaboram para representar a figura do jovem envolvido em um contexto de violência escolar. O trabalho demonstrou que a narrativa não se limita a retratar um enredo criminal, mas propõe uma leitura mais profunda dos afetos, tensões e disputas simbólicas que cercam a adolescência. Assim, evidenciou-se como a construção ficcional tensiona estereótipos, ao passo que projeta angústias sociais latentes.

Considerando a pergunta que guiou a pesquisa — de que modo a série contribui para repensar discursos sobre juventude e sofrimento psíquico —, os resultados sugerem que Adolescência desestabiliza interpretações simplistas ao apostar em uma mise-en-scène que valoriza o olhar, o silêncio e a ambiguidade

dos gestos. Longe de afirmar categoricamente a culpa ou a inocência do protagonista, a narrativa opta por retratar sua interioridade de forma sensível, o que permite desnaturalizar associações entre juventude, masculinidade e violência. Essa abordagem fomenta reflexões importantes sobre as pressões enfrentadas por adolescentes diante de modelos normativos de comportamento.

Entretanto, algumas limitações precisam ser reconhecidas. O estudo não analisou a totalidade das cenas nem as possíveis diferenças na recepção da série por parte de distintos públicos. Ademais, a análise centrou-se na perspectiva barthesiana, deixando de explorar outras abordagens teóricas da saúde mental contemporânea. Futuros estudos poderiam ampliar o corpus de análise ou investigar como adolescentes, educadores e famílias interpretam obras como Adolescência, com base em suas experiências e contextos socioculturais diversos.

Diante disso, considera-se promissor o uso da série como ferramenta pedagógica no Ensino Médio e em espaços formativos voltados a famílias, por permitir o debate sobre sofrimento mental, empatia e responsabilidade coletiva. A leitura crítica de narrativas audiovisuais pode ampliar o repertório de professores e profissionais da saúde mental, ajudando a problematizar discursos hegemônicos sobre juventude. Nesse sentido, recomenda-se o aprofundamento de estudos interdisciplinares que articulem mídia, subjetividade e práticas educativas voltadas à promoção de uma cultura de cuidado e escuta sensível.

REFERÊNCIAS

1. “Adolescence.” Netflix Tudum, 2025. Disponível em: <https://www.netflix.com/tudum/articles/adolescence-cast-release-date-photos-news>
2. ASSOCIATION OF INTERNET RESEARCHERS. Internet research: ethical guidelines 3.0. 2019. Disponível em: <https://aoir.org/ethics>. Acesso em: 4 jun. 2025.
3. BARTHES, Roland. Elementos de semiologia. São Paulo: Cultrix, 2004.
4. BARTHES, Roland. Mitologias. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
5. BARTHES, Roland. O óbvio e o obtuso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
6. BORBA, Patrícia Leme de Oliveira et al. Occupational therapy, schools and youth: a mapping review. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, v. 30, 2022.
7. BUCKINGHAM, David. Crescer na era das mídias eletrônicas. São Paulo: Loyola, 2007.
8. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
9. JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. L'analyse de film. Paris: Armand Colin, 2002.
10. JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. Lendo as imagens do cinema. São Paulo: SENAC, 2009.
11. METZ, Christian. A significação no cinema. São Paulo: Perspectiva, 1972.
12. SANTAELLA, Lucia. Semiótica aplicada. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

13. SANTAELLA, Lucia. Teoria geral dos signos: semiose e autogeração. São Paulo: Ática, 1995.
14. SIBILIA, Paula. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
15. THORPE, Vanessa. "Netflix drama Adolescence has lessons for us all about alienated young men." The Guardian, 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2025/mar/16/netflix-drama-adolescence-young-men-society>. Acesso em: 4 jun. 2025.
16. VERIFACT. Série Adolescência: polarização, mídia e estereótipos em debate. Disponível em: <https://chatgpt.com/c/67e780d9-1040-800a-a5a0-2e93222454a8>. Acesso em: 4 jun. 2025.